



ISSN: 1983-8379

Memória e Esquecimento no Texto Autobiográfico

Tatiana Barbosa da Silva¹

RESUMO: Nosso trabalho consiste em analisar alguns pontos da obra literária *W ou a memória da infância*, do escritor francês Georges Perec, enfocando, sobretudo, a questão das memórias de infância e, paradoxalmente, o seu esquecimento. Baseado em teorias de Philippe Lejeune e Burgelin, entre outros especialistas em autobiografia, o texto verifica algumas questões referentes à memória presentes no texto literário, além da interessante relação de interdependência entre memória individual e coletiva.

Palavras-chave: Autobiografia; Memórias de infância; Esquecimento

RESUMÉ: Notre travail consiste à analyser quelques points de l'oeuvre littéraire *W ou le souvenir d'enfance*, de l'écrivain français Georges Perec, en focalisant, surtout, la question des souvenirs d'enfance et, paradoxalement, son oubli. Basé sur les théories de Philippe Lejeune et Burgelin, entre d'autres spécialistes en autobiographie, le texte vérifie quelques questions referentes à la mémoire présentes dans le texte littéraire, et aussi l'intéressant rapport d'interdépendance entre mémoire individuelle et collective.

Mots-clé: Autobiographie; Souvenirs d'enfance; Oubli

O texto de Perec, de caráter autobiográfico, tem como primeira frase a emblemática e contraditória afirmação: “Não tenho nenhuma memória da infância”. Sua falta de memórias, notadamente marcada pelo trauma da morte dos pais na II Guerra Mundial, nos coloca em confronto com um texto de leitura complexa, onde constantemente buscamos pistas, e participamos de maneira ativa dessa busca incessante do próprio autor, por descobrir ou desenhar “partes” de sua história através da escrita, num processo de tentativa de cura, análise e/ou redescoberta da memória.

Levando em conta as leituras dos autores citados, além daqueles que contribuirão para uma maior reflexão sobre o tema da memória, como Maurice Halbwachs, e de outros que

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês, pela Universidade de São Paulo - USP



ISSN: 1983-8379

acreditamos pertinentes, seguiremos então em busca dessas “pistas”, em direção à descoberta da verdadeira importância da memória, seja nos textos científicos, seja no texto literário, seja no nosso cotidiano.

1. A autobiografia e as memórias de infância

A partir do século XX, os estudos sobre a autobiografia vêm despertando muito interesse de pesquisadores na área de literatura. Os textos autobiográficos, desde *As Confissões* de Rousseau, até a memória involuntária de Proust, certamente despertaram grande interesse da crítica e do público, e alguns conceitos sobre esse gênero foram bastante difundidos no campo literário. Um pesquisador contemporâneo sobre a autobiografia, Philippe Lejeune (1986), nos traz o conceito de *pacto autobiográfico*, segundo o qual há um pacto de leitura entre o texto e o leitor, a partir da identificação que este consegue realizar entre o narrador e o autor, ou seja, sabemos que quem escreve fala sobre sua própria vida, não há dúvida sobre a veracidade dos fatos ali apresentados. Com a leitura do texto autobiográfico de Georges Perec, porém, começamos a nos questionar sobre a veracidade dos fatos apresentados pelo escritor, uma vez que o pacto autobiográfico, na maioria das vezes, não ocorre. Assim, quando estamos lendo o texto, não conseguimos nos identificar verdadeiramente com aquilo que está sendo narrado, uma vez que o próprio texto passa, o tempo todo, essa impressão de “dúvida”. É como se o narrador não conseguisse juntar as partes de sua história e conduzi-la de uma forma linear, como se a sua tentativa de resgatar a memória fosse sempre frustrada, o que obriga o leitor a participar ativamente desta constante busca, tentando identificar naqueles fragmentos de texto o que pode parecer verossímil ou não em relação à evocação da memória. Neste pacto inexistente, se podemos assim dizer,

O leitor, da mesma forma que o *scriptor*, confronta-se com diversos fragmentos (descrições de fotos, lembranças, depoimentos, fantasias), que a princípio são vistos soltos, sem elo, e portanto, com angústia. Pouco a pouco é levado pelo texto a encontrar relações e a fazer funcionar, ele mesmo, o movimento de escritura. (PINO, 2004, p. 115)

Como ler um texto tão fragmentado, e como avaliar as consequências do esquecimento no processo de escrita do texto autobiográfico? Já no início do texto, o autor já nos adverte de suas próprias dificuldades e angústias em escrever, num projeto iniciado anos atrás e que resolve colocar em prática: “Uma vez mais, as armadilhas da escrita se instalaram. Uma vez



ISSN: 1983-8379

mais, fui como uma criança que brinca de esconde-esconde e não sabe o que mais teme ou deseja: permanecer escondida, ser descoberta.” (PEREC, 1995, p. 14)

O que nos parece evidente é a dificuldade em rememorar-se, em poder contar sua própria história, em ter que contar com as “armadilhas da escrita” para vencer este medo e obstáculo, vencendo assim também o seu passado, encoberto pela ausência.

Cécile de Bary (2009) comenta que a ausência de história pessoal é consequência da intervenção de “outra história, a Grande, a História com seu h maiúsculo”, citando o texto do próprio Péric. Como se sabe, durante muito tempo o autor não quis tocar no assunto “memórias de infância”, e preferiu ficar escondido ou camuflado pela História, ou seja, falar de seu passado se resumia a dizer que era órfão de guerra e que não possuía nenhuma memória da infância. Aqui vemos uma relação interessante com as ideias de Halbwachs: a memória individual passou muito tempo “ancorada” pela memória coletiva, mas neste caso a memória coletiva funcionou como uma espécie de “proteção” para evitar que se “vasculhasse” a memória individual, repleta de traumas, ausências e esquecimentos. Maurice Halbwachs não opõe memória individual e coletiva: diz que ambas são interdependentes no processo de funcionamento da memória. Em relação à memória autobiográfica, ele nos mostra que esta depende da memória histórica:

Seria o caso de distinguir duas memórias: uma pessoal e outra social, ou mais exatamente ainda: memória autobiográfica e memória histórica. A primeira se apoiaria na segunda, pois toda história de nossa vida faz parte da história em geral. Mas a segunda seria, naturalmente, bem mais ampla do que a primeira. Por outra parte, ela não nos representaria o passado senão sob uma forma resumida e esquemática, enquanto que a memória de nossa vida nos apresentaria um quadro bem mais contínuo e mais denso. (HALBWACHS, 1990, p. 55)

No caso de Péric, sua memória autobiográfica (ou pessoal) não aparece de forma tão ampla e densa como definida por Halbwachs, uma vez que muito do que ocorreu em sua vida pessoal está intensamente marcado pela ausência, e ele então acaba se apoiando em fatos históricos e em relatos de parentes para tentar reconstituir seu passado.

A maior dificuldade, porém, está na falta de referências pessoais que possam ligá-lo à memória coletiva como um todo: ele não foi testemunha da guerra, ele não esteve nos



ISSN: 1983-8379

campos, tudo (ou o pouco) que sabe baseia-se em informações externas a ele. Ele se apóia, é verdade, na memória histórica, mas muitas vezes estas informações não passam de datas ou números perdidos no passado, já que ele não fez parte daquele grupo enquanto um ente social, visto que na primeira infância se encontrava há tempos longe da família, longe dos pais, ouvindo informações que para ele não faziam muito sentido e não acrescentavam nada na sua consciência individual como criança. Aqui podemos dialogar com o que diz Halbwachs sobre o esquecimento das primeiras lembranças de infância: “Se não nos recordamos de nossa primeira infância, é, com efeito, porque nossas impressões não se podem relacionar com esteio nenhum, enquanto não somos ainda um ente social.” (HALBWACHS, 1990, p. 38).

Halbwachs também nos explica que, somente através da descoberta de informações superficiais, não há como trazer lembranças e memórias à tona:

É então, diremos, sobre a memória histórica que é preciso se apoiar. É através dela que esse fato exterior a minha vida de criança vem assim mesmo assinalar com sua impressão tal dia, tal hora, e que, a vista dessa impressão me lembrará a hora ou o dia; mas a impressão por si mesma é uma impressão superficial, feita de fora, sem relação com minha memória pessoal e minhas impressões de criança. (HALBWACHS, 1990, p. 55)

Não há, por exemplo, funeral após a morte de sua mãe e, portanto, não há um túmulo que ele pudesse visitar posteriormente, em sua vida adulta. Perek somente recebeu uma notificação oficial anos mais tarde, mas como transformar estas informações registradas num papel em lembranças? Como exigir que essa criança, com tão pouco convívio social com os pais, conseguisse guardar em si memórias mais precisas de sua infância? Talvez esta falta de referências tenha sido a principal responsável para que o texto autobiográfico não seguisse as regras clássicas do “pacto” e aparecesse de forma tão fragmentada.

Segundo Burgelin (1996, p. 76) uma das originalidades da construção de *W ou a memória da infância* é “dar um lugar tão importante à crítica da memória, à distância da lembrança, ao presente em relação ao passado”(…), porque há uma verdadeira crítica do autor em relação a sua própria memória, ou seja, dúvida em relação àquilo que diz ser suas memórias de infância.



ISSN: 1983-8379

Em outro texto, Philippe Lejeune (1991, p. 74) nos traz outro conceito, o da autobiografia crítica, ou seja, a confrontação do autor e a crítica em relação a sua própria memória. As hesitações e dúvidas apresentadas pelo “eu” autobiográfico além de nos levar ao constante questionamento sobre a veracidade das informações, também tem como característica marcante o fato do autor acrescentar notas às informações apresentadas, tornando o texto original ainda mais “nebuloso”. É como se o adulto, revendo os fatos vividos pela criança, conseguisse escrever com mais racionalidade e distanciamento, após uma nova leitura de seu próprio texto. A reconstrução do passado ocorre sempre no presente, e como neste caso o autor utiliza um texto já escrito anos antes como base para iniciar seu processo de escrita, ele não se importa em reelaborar o passado através de advertências e notas de rodapé.

Como nos diz Halbwachs (1990, p. 71):

a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada.

Para ilustrar um exemplo desta reconstrução do passado, citamos o seguinte trecho do livro:

O projeto de escrever minha história formou-se quase ao mesmo tempo que meu projeto de escrever. Os dois textos que seguem datam de mais de quinze anos. Copio-os sem nenhuma alteração, indicando em nota as retificações e os comentários que hoje julgo dever acrescentar. (PEREC, 1995, p. 37-38)

Verificamos, portanto, que as tentativas de rememoração ou reconstrução do passado devem-se aqui a processos pelo qual o autor passou, principalmente no campo da psicanálise, o que o auxiliou de alguma maneira a desenvolver suas lembranças e escrever, pelo menos em parte, histórias da sua vida que haviam ficado senão esquecidas, apagadas em algum ponto de sua memória, e que foram trazidas à tona em alguns momentos, através de evocações das *souvenirs-écrans*, que veremos a seguir através de alguns exemplos do texto.

2. O esquecimento e as *souvenirs-écrans*

A partir da leitura de Freud sobre as memórias de infância e sobre o processo de elaboração do passado vivido pelo próprio Péric em suas sessões de psicanálise, trataremos



ISSN: 1983-8379

aqui somente de lançar o conceito de *souvenirs-écrans* para que possamos exemplificar com algumas passagens do texto de Perec, sem termos a pretensão de discutir se este foi o único meio encontrado pelo escritor para conseguir recuperar, mesmo que em partes, suas memórias de infância.

Segundo Lecarme (1999, p.56), é através das *souvenirs-écrans* definidas por Freud, que Perec consegue (ou ao menos tenta) montar essa espécie de quebra-cabeças em relação a sua própria memória. O que seriam estas *souvenirs-écrans*? Segundo Freud, são lembranças de infância que surgem, inexplicavelmente e sem nenhuma relação aparentemente direta com fatos vividos, e que aparecem normalmente em substituição a outros eventos mais importantes ou traumáticos. Seriam, portanto, como “telas” que mostrassem “pedaços” de lembrança ou que escondessem a verdadeira lembrança de um fato, mas que de certa forma amenizariam/atenuariam o impacto de uma lembrança dolorosa ou traumática. Para que a conceituação fique mais clara, citamos um trecho de seu texto:

O que se encontra nas ditas lembranças da primeira infância, não são os vestígios de eventos reais, mas uma elaboração ulterior destes vestígios, a qual deve ter se efetuado sob a influência de diferentes forças psíquicas intervindas pela continuação. É assim que as “lembranças de infância” adquirem, de uma maneira geral, a significação de *souvenirs-écrans*. (FREUD, 1901, p.40)

Segundo Freud, não nos esquecemos completamente, apenas “armazenamos”, em nosso inconsciente, fatos que vem à tona independentemente de nossa vontade, como que escritos num “bloco mágico” e posteriormente apagados, mas que mantêm seu rastro e que podem ser recuperados em situações diversas e/ou aleatórias. O processo de análise, então, vem auxiliar nessa “varredura” atrás de pistas que nos levem às mais remotas lembranças; o analista, segundo Freud, pode ser comparado a um arqueólogo, já que a partir de “restos” de um muro pode levantar novas paredes, ou seja, trazer à tona lembranças fragmentadas e esquecidas em alguma parte de nosso inconsciente.

Ainda seguindo as palavras de Freud, lembramos que “das lembranças de infância conservadas, umas parecem totalmente compreensíveis, outras bizarras e inexplicáveis.” (FREUD, 1901, p.40).



ISSN: 1983-8379

A partir desta afirmação, localizamos dois trechos do texto que nos remetem ou parecem assemelhar-se às evocações das tais *souvenirs-écrans*, trechos que nos mostram situações de lembranças aparentemente sem importância, banais, mas que podem ter sido substituídas por outras de maior relevância, já que ao longo do texto o autor volta a reelaborá-las a partir de testemunhos que as contradizem ou indicam dúvidas quanto aos fatos narrados:

A minha primeira lembrança teria por cenário o fundo da loja de minha avó. Tenho três anos. Estou sentado no centro da peça, no meio de jornais ídiches espalhados. O círculo da família me rodeia completamente: essa sensação de cerco não se acompanha para mim de nenhum sentimento de esmagamento ou ameaça; ao contrário, é proteção calorosa, amor: toda a família, a totalidade, a integralidade da família está ali, reunida em torno da criança que acaba de nascer (mas eu não disse há pouco que tinha três anos?), como uma muralha intransponível. Todos se extasiam diante do fato de eu ter desenhado uma letra hebraica (...)

A segunda lembrança é mais breve; assemelha-se antes a um sonho; parece ainda mais evidentemente fabulada que a primeira; existem muitas variantes dela que, ao se sobreporem, tendem a torná-la cada vez mais ilusória. Seu enunciado mais simples seria: meu pai retorna de seu trabalho; ele me dá uma chave. Numa variante, a chave é de ouro; noutra, não é uma chave de ouro, mas uma moeda de ouro; numa terceira ainda, estou sentado no penico quando meu pai volta de seu trabalho. (PEREC, 1995, p.21-22)

Freud também nos lembra que será praticamente impossível resgatar ou conservar lembranças com total garantia de exatidão. A partir da reconstrução destas lembranças de infância, nos damos conta de que muitas delas aparecem “deformadas”, deslocadas no tempo ou no espaço. Também temos que levar em conta que estes deslocamentos não podem ser considerados simples “erros” de percurso da memória, mas que provavelmente estas deformações podem ter sido causadas por diversas questões psíquicas, incluindo aí traumas, recalques e várias outras questões que renderiam um trabalho de pesquisa à parte.

3. Considerações finais/ reflexões

A partir da leitura de um texto autobiográfico, nos deparamos com a questão da dificuldade da linguagem causada pelo trauma; também refletimos em quais momentos do texto nos deparamos com esta dificuldade explicitada pelo autor. Num segundo momento, verificamos em que medida o esquecimento destas memórias pode estar relacionado com a falta de referências pessoais e a dificuldade de ligar estas às memórias coletivas e históricas.



ISSN: 1983-8379

Vimos também as conseqüências deste trauma, que pode se traduzir no “esquecimento”, não de uma maneira total, através de um apagamento definitivo, mas a dificuldade em reconstruir narrativas “inteiras” em relação às lembranças da infância, e o quanto o processo de escrita, após o tratamento em análise psicanalítica e a evocação das memórias através das *souvenirs-écrans*, podem ter sido ferramentas importantes para que o autor conseguisse (mesmo que precariamente) dar início ao seu projeto autobiográfico, que ficou inacabado devido à ousadia e ao tamanho do projeto, aliados à morte precoce do escritor, o que fez com que só uma pequena parte deste trabalho de reconstrução do passado viesse à tona graças a esta obra autobiográfica.

O que nos interessou, por fim, após a reflexão de todos estes aspectos, não foi identificar de que forma o autor conseguiu recuperar suas memórias através da escrita e do processo de psicanálise, até porque lendo o texto final verificamos que ele não obteve êxito completo nesta empreitada. Tanto para o escritor, com sua obra literária, quanto para nós, pesquisadores, mais vale analisar e refletir sobre o percurso, sobre a busca ou sobre os problemas apresentados, do que tentar encontrar uma resposta para questões de difícil resolução. Afinal, como lidar com algo que está além do nosso controle psíquico (a evocação das memórias) ou com a nossa capacidade de reproduzir em palavras ou imagens sensações ou pensamentos há tempos armazenados em nossa memória? O que podemos concluir, por enquanto, é que há muito ainda a ser refletido sobre o assunto. Afinal, quando se trata de memória, falar ou pensar sobre ela pode ser uma tarefa prazerosa, mas ao mesmo tempo arriscada, pois corremos o risco de chegar à conclusão que nunca encontraremos as pistas corretas que nos levem em direção ao melhor caminho, através deste contato tão estreito com uma memória individual (neste caso de um escritor francês chamado Georges Perec), mas que este pode ser, ao menos, um caminho para entrarmos em contato também com a nossa própria memória.

Referências Bibliográficas

BARY, Cécile de. « Récits d'Ellis Island » In : *Cahiers de Narratologie*. Disponível em : <http://narratologie.revues.org/942>. Acesso em 26 de maio de 2009.



ISSN: 1983-8379

BURGELIN, Claude. « L'analysant autobiographe » In : *Les Parties de dominos chez Monsieur Lefèvre*. Circé, 1996, p. 76.

FREUD, Sigmund. « Souvenirs d'enfance et souvenirs-écrans » In : *Psychopathologie de la vie quotidienne*. (Texto de 1901). Disponível em: http://uqac.quebec.ca/zone30/classiques_des_sciences_sociales/index.htm . Acesso em 10 de janeiro de 2012.

FREUD, Sigmund. “Sobre los recuerdos encubridores” (1899), “Nota sobre la pizarra mágica” (1925), “Construcciones en el análisis” (1937). Em: *Obras Completas*. Amorrortu Editores S.A.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro: Imago, 1997

HALBWACHS, Maurice. *Memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990

LECARME, Jacques et Lecarme-Tabone, Éliane. *L'autobiographie*. Paris : Armand Colin, 1999

LEJEUNE, Philippe. *La mémoire et l'oblique. Georges Perec autobiographe*. Paris : P.O.L. 1991

LEJEUNE, Philippe. « Le pacte autobiographe (bis) ». In : *Moi Aussi*. Paris : Éditions du Seuil, 1986

PEREC, Georges. *W ou a memória da infância*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995

PINO, Claudia Amigo. *A ficção da escrita*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004

YATES, Francis. « Les trois sources latines sur l'art de la mémoire dans l'Antiquité ». In : *L'art de la mémoire*, Gallimard, 1975